

Violência, autoritarismo e modernidade em *Cinzas do Norte* (2005), de Milton Hatoum

Violence, authoritarianism and modernity in Ashes of the Amazon (2005),

by Milton Hatoum

Rosivan dos Santos Bispo¹

RESUMO: O presente trabalho visa analisar o romance *Cinzas do Norte* (2005), de Milton Hatoum, a fim de verificar como, em sua abordagem temática e em sua composição estrutural, está organizada uma crítica contra a ditadura militar (1964-1985) e contra as contradições da modernidade brasileira, ressaltando, ao mesmo tempo, uma crise do patriarcalismo nacional. Nesse sentido, valemo-nos das observações teóricas a respeito do romance moderno, como, por exemplo, as de Moretti (2005) e de Rosenfeld (1996). Para a consecução da proposta, resgataremos, igualmente, as reflexões sobre as divergências da modernidade, expostas por Benjamin (1994), Berman (1986), Domingues (2015), entre outros. Enfim, destacando a relação entre conteúdo histórico e forma artística, acreditamos que o romance *Cinzas do Norte* traga configurado, em sua própria estrutura, uma crítica que demarca certa evolução do gênero romance.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade; autoritarismo; tradição; violência.

ABSTRACT: The following work aims to analyse the novel *Ashes of the Amazon* (2005), by Milton Hatoum, in order to verify how – in its thematic approach and in its structural composition – is organized a critique against the military dictatorship (1964-1985) and against the contradictions of Brazilian modernity, highlighting, at the same time, a crisis of the national patriarchy. In this sense, we use the theoretical observations concerning the modern novel by, for example, Moretti (2005) and Rosenfeld (1996). For the achievement of the proposal, we will use, likewise, the reflections about the modern divergences exposed by Benjamin (1994), Berman (1986), Domingues (2002), among others. Ultimately, highlighting the relation between historical content and artistic form, we believe that the novel *Ashes of the Amazon* fetch configured in its own structure a critique that demarcates certain evolution of the novel genre.

Keywords: Modernity; authoritarianism; tradition; violence.

Introdução

Milton Hatoum (1952) é escritor, tradutor e professor. Ele é considerado um dos maiores expoentes da literatura brasileira contemporânea com obras ganhadoras de vários prêmios e traduzidas para várias línguas. Seu primeiro romance é *Relato de um certo Oriente* (1989); depois, publicou *Dois irmãos* (2000), ambos ganhadores do prêmio Jabuti. Em 2006, *Cinzas do Norte* (2005) venceu o Jabuti de livro de ficção do ano.

¹ Mestrando da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Cinzas do Norte conta a história de amigos de infância que vêm de realidades divergentes, já que um, Mundo, é filho de um magnata de Manaus, enquanto Lavo, narrador de grande parte da obra, é criado por uma tia costureira sem muitos recursos financeiros. A história é ambientada na época do golpe militar de 1964 e tem como espaço principal a cidade de Manaus em via de modernização. Aqui, já é possível identificar determinada crítica contra as contradições do autoritarismo e contra certa “modernidade tardia”, que, no Brasil, tornou-se sempre uma promessa incompleta e, por isso, paradoxal.

A partir de nossas análises, percebemos que a violência está presente na obra de maneira marcante em várias de suas manifestações, física, psicológica, simbólica, entre outras. A relação entre esta violência e a realidade política da época se dá de maneira análoga, já que, em vários momentos da obra, temos passagens sobre os militares, sua coerção e o modo como a sociedade lida com esta situação imposta.

A modernidade, nesta obra de Hatoum, pode ser vista por diversos pontos de ruptura que o autor nos apresenta, seja na quebra de linearidade temporal, seja na quebra narrativa com introduções de cartas e relatos apresentados por outros personagens, seja, enfim, na própria fragmentação desse tempo da narrativa, entre outros. Assim como concebe Berman (1994, p. 24), acreditamos que

EXISTE UM TIPO DE EXPERIÊNCIA vital - experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida - que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como ‘modernidade’.

Baseando-nos na obra teórica de Moretti (2005) e de Rosenfeld (1996) sobre o romance moderno, bem como sobre as reflexões a respeito das divergências da modernidade, faremos, igualmente, uso das reflexões de Benjamin (1994), Berman (1986) e Domingues (2015). Além destes, nos basearemos na fortuna crítica sobre o autor, como, por exemplo, as de Fernanda Ferreira dos Santos (2015), Gínia Maria Gomes (2007) e Remundini et. Wiginescki (2011).

O presente trabalho tem como objetivo geral observar como, na abordagem temática e estrutural de *Cinzas do Norte* (2005), está configurada uma crítica às contradições da sociedade, ao período de ditadura militar brasileira (1964-1985) e a

certa ideia de patriarcalismo nacional, que, apesar de ser uma prática antiga, ainda vigora em nossa contemporaneidade, sobretudo, através de doutrinas políticas que insistem em centralizar o poder voltado para determinada “elite histórica nacional”.

Além disso, buscamos analisar as características que tornam *Cinzas do Norte* uma obra moderna, sobretudo a partir de suas referências estéticas e críticas, presentes, a seu modo, em outras narrativas de Milton Hatoum, como, por exemplo, *Dois irmãos* e *Órfãos do Eldorado*;

Examinamos a relação entre a violência presente neste livro de Hatoum com o que ocorria no contexto ditatorial, interligando tal analogia a questões de nossa contemporaneidade. Para tanto, valer-nos-emos das reflexões de Antonio Candido (2006) sobre o método analítico em torno da apreciação de obras literárias.

Assim, podemos analisar a questão da violência em diversos aspectos dentro da narrativa, bem como no contexto em que o romance em pauta foi publicado. A partir de uma primeira leitura inicial, a partir da qual, superficialmente, identificamos passagens explícitas nas quais a violência pode ser diretamente relacionada com o contexto da ditadura militar, em seguida, destaca-se uma segunda leitura, buscando identificar as passagens com focos de violência mais subjetivas, mais simbólicas ou estruturais.

Para a consecução da análise do romance *Cinzas do Norte*, baseamo-nos na metodologia sugerida por Antonio Candido, no ensaio “Crítica e sociologia” (2006), a partir da qual a análise de uma obra literária tem que privilegiar a dialética entre os elementos internos e os elementos externos, considerando estes últimos, portanto, como parte estrutural das narrativas. Além deste último crítico, buscamos algumas constatações nas teorias de Roland Barthes, sobretudo no texto “Crítica e verdade” (2009), considerando que uma leitura ou interpretação de um trabalho artístico é sempre uma reconstrução do objeto sobre o qual nos debruçamos.

Por fim, analisamos as rupturas estruturais e temáticas que diferenciam este livro de um romance que poderia ser considerado, estritamente, “tradicional” – tal como conceitua Anatol Rosenfeld (2009) em seu texto “Reflexões sobre o romance moderno”.

Cinzas do Norte: violência, autoritarismo e modernidade

Cinzas do Norte (2005) é o relato de uma revolta e do esforço de compreendê-la, como argumenta Samuel Titan Jr., na apresentação do livro de Hatoum. Nesta narrativa, somos convidados a imergir num contexto histórico de muitas mudanças na sociedade: um tempo de imposições violentas, políticas e sociais; um tempo em que os artistas eram perseguidos, exilados, assassinados de forma cruel; um tempo de ditadura militar. No universo ficcional, temos Raimundo ou Mundo, que irá até as últimas consequências para produzir seus trabalhos, mesmo que isto cause a desmoralização pública de seu pai Jano, que é amigo de militares e conservador. Jano é considerado “antagonista” na narrativa, se é que as produções modernas ainda necessitam destes marcadores. No esforço de compreender este jovem revolucionário, temos o narrador Olavo ou Lavo, que, por meio de favores e indicações de Jano, consegue ascender socialmente, cursando Direito e posteriormente trabalhando como advogado na cidade onde está baseada maioria da obra: Manaus.

Para a consecução de nossos objetivos, convém introduzir outro personagem que será muito importante para o romance, que é o personagem Fogo – o cachorro de Jano, animal pelo qual Mundo demonstrará profundo desprezo durante toda a narrativa, pois argumenta que seu pai gosta mais do animal que do filho. Na análise da violência, a primeira passagem que devemos apreciar é a que Fogo é descrito. Nesse sentido, o narrador diz que eles:

eram inseparáveis: Fogo dormia perto da cama do casal, e Alícia não suportava isso. Quando o cão trazia carrapatos para a cama, ela o enxotava, Jano protestava, o bicho soltava ganidos, ninguém dormia. Então fogo voltava, quieto e mudo, e se aninhava no cantinho dele, forrado por uma pele de jaguatirica. Ela ia dormir no quarto do filho. Nos últimos meses da vida de Jano foi assim: Fogo e seu dono em um quarto, e a mulher, sozinha, no quarto do filho ausente. O cachorro tinha na pelagem umas manchas amareladas que o menino detestava porque um dia o pai dissera: “Manchas que brilham que nem ouro. Aliás, Fogo é um dos meus tesouros. (HATOUM, 2005, p. 11).

Neste relato inicial da narrativa, já temos uma ideia de onde se desenrolará o enredo, que chegará à sua tensão na produção do trabalho artístico responsável pela fuga de Mundo de Manaus, e então se concentrará na decadência da família Mattoso.

Com o fragmento, percebemos ainda que Jano é o único que gosta de Fogo, e por consequência o cão é odiado por quase todos os personagens, de modo que é possível que façamos a análise do cão a partir da visão que o Mattoso provoca nos demais indivíduos.

Fogo é vítima de demasiados ataques violentos durante a narrativa, e ele pode ainda ser lido como o reflexo da própria família – como podemos ler no fragmento a seguir:

O jardim da frente, meu Deus!, cheio de entulho, a grama morta. Olhei para a soleira e não acreditei... o bichinho estava ali, com as patas esticadas, querendo entrar... Era só o esqueleto de Fogo... a pelanca amarela e seca... Coitado! Acho que jogaram ele no mato, e ele voltou; morreu na soleira, com saudades do dono... (HATOUM, 2005, p. 224).

Naiá é quem relata este trecho. Ela é uma das únicas que gostam de Jano, na verdade ela era apaixonada por ele, ou pelo dinheiro dele. Ela é a tia de Lavo, costureira frenética que não deixa de trabalhar com ganas de juntar dinheiro; é vítima de constantes explorações de seu irmão Ranulfo. A decadência de Fogo e da casa de Jano são o reflexo da queda da própria família que após sua morte sai de Manaus para não mais voltar. Essa fuga de Alícia para o Rio e de Mundo para a Europa reflete no encontro com o desconhecido, com o trabalho e a pobreza. A família que antes era respeitada e invejada por todos, agora não era mais nada além de um retrato de uma mulher alcoólatra, viciada no jogo e de um filho doente, morrendo no hospital.

Nesse sentido, vemos que, na narrativa, a violência representada no bojo familiar remete, de certa maneira, à violência contextual. De qualquer modo, ao comparar os elementos estruturais da narrativa com o tema histórico da violência ou da ditadura militar, é importante lembrar certas considerações de Antonio Candido, segundo as quais:

Sabemos que, embora filha do mundo, a obra é um mundo, e que convém antes de tudo pesquisar nela mesma as razões que a sustentam como tal. A sua *razão* é a disposição dos núcleos de significado, formando uma combinação *sui generis*, que se for determinada pela análise pode ser traduzida num enunciado exemplar. Este procura indicar a fórmula segundo a qual a realidade do mundo ou do espírito foi reordenada, transformada, desfigurada ou até posta de lado, para dar nascimento ao outro mundo. (CANDIDO, 1998, p. 111).

A ditadura militar aparece representada logo no início da narrativa, no momento em que Lavo está contando a história de seu amigo Mundo. Ele relata um encontro que ocorre entre os dois, no qual Mundo lhe dá um desenho de um barco enquanto eram crianças. Então, Lavo diz:

Só fui tornar a encontrá-lo em meados de abril de 1964, quando as aulas do ginásio Pedro II iam recomeçar depois do golpe militar. Os bedéis pareciam mais arrogantes e ferozes, cumpriam a disciplina à risca, nos tratavam com escárnio. Bombom de Aço, o chefe deles, mexia com as alunas, zombava dos mais tímidos, engrossava a voz antes de fazer a vistoria da farda: “Bora logo, seus idiotas: calados e em fila indiana”. (HATOUM, 2005, p. 12-13).

E ainda sobre o Pedro II, Lavo revela sobre os jogos de arena:

Num desses torneios morreu Chiado. Seu adversário, um veterano do último ano, foi tão aplaudido que nem notou a cabeça engastada nas barras de ferro. Ergueu os braços vitoriosos enquanto o outro sangrava; alguém soltou um grito, ele virou o corpo e deparou com os olhos fechados de Chiado. Com mãos de gancho separou as barras, a cabeça esmagada caiu, e vimos a boca ensanguentada e depois o corpo sendo carregado até o professor. (HATOUM, 2005, p. 15).

Em sentido amplo, a crueldade apresentada nestes dois fragmentos nos exemplifica de que maneira a disciplina militar era aplicada nas instituições de ensino de Manaus na época da ditadura. Seja por uma repreensão de bedéis ou pela morte explícita de um colega numa “prática esportiva” autorizada pelos professores e gestores. “Uma semana de luto, um processo que não deu em nada, e os jogos recomeçaram ainda mais violentos”, são as consequências deste episódio. No contexto geral, a ditadura foi marcada por uma

repressão... brutal e insana; foi tão desmedida que, mesmo sob censura dos jornais, provocou a indignação da classe média. Trabalhadores, jornalistas, padres e estudantes foram assassinados com requintes de crueldade. A partir do momento em que a classe média tomou conhecimento das torturas, começou a diminuir o apoio dado ao governo militar e cresceram as manifestações. (CHIAVENATO, 2004, p.176-177).

N'As *Cinzas do Norte*, a arte romanesca aparece representada como um tipo de testemunho da pobreza, da violência, remetendo-se àquilo que foi teorizado por Benjamin como a incapacidade de o homem expressar seus sentimentos, suas conquistas, a partir de um mundo triste e violento:

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. (BENJAMIN, 1994, p. 118).

Isto reflete a perda da “experiência” no contexto da produção artística moderna, segundo Benjamin, o mundo tornou-se um lugar onde os homens não mais buscam a experiência, ou a “aura”, como dirá no texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1985), mas que nós estamos vivendo um tempo de pobreza de experiência, esses reflexos saem do mundo real e transpõem-se para o mundo da obra de arte, de forma que, de certo modo, o que está plasmada nessa obra de Hatoum é um reflexo dessa pobreza de experiência teorizada pelo filósofo alemão.

Não por acaso, no romance em foco, sentimentos como o amor, parecem não ser permitidos, como dirá Ranulfo (Tio Ran) sobre o cancelamento de seu trabalho de radialista no programa semanal *Meia-Noite Nós Dois*: “depois do golpe militar iam acabar me demitindo: os censores dessa panaceia não iam aturar meus comentários políticos, muito menos minhas histórias de amor no meio da madrugada” (HATOUM, 2005, p. 28). A arte presente em *Cinzas do Norte* pode ser lida neste sentido, já que o tom subversivo ou afetivo da mesma é capaz de, entre outras coisas, comover e revoltar, talvez por isso tenhamos essa tensão entre a criação artística de Mundo e a censura aplicada por Jano – primordialmente por Jano e depois pelos militares – como exemplifica a passagem em que ele vai com Lavo tentar subornar o menino, tendo como objetivo operar mudanças em seu próprio filho: “‘Treinamento militar’, disse Jano, saudando um oficial. ‘Falta isso ao meu filho... correr e saltar com coragem, que nem esses rapazes armados.’” (HATOUM, 2005, p. 34).

Jano queria ver o filho largar os desenhos e as pinturas para se interessar em ser o herdeiro que todos esperavam que ele fosse. E quando o filho faz algo que o deixa orgulhoso, sempre é seguido por outra coisa que o resigna, como o fragmento a

seguir exemplifica: “Disse que não censurara a bebedeira do filho: sempre quisera vê-lo dançar e beber com mulheres. O problema era a revolta... Ele não podia ter insultado os militares”. (HATOUM, 2005, p. 68). Demonstrando o tom submisso de Jano para com os militares, seu filho, nos parece, agora de forma mais clara, ser a expressão de revolta dos indivíduos dessa sociedade dominada por esta ditadura, retomando Jano mais uma vez ele dirá sobre Mundo: “Uma grande vocação artística não depende apenas de uma escolha. Além disso, Mundo pensa que a revolta é uma façanha” (HATOUM, 2005, p. 87).

Sob tal foco, a arte como revolta está vinculada à perda da perspectiva de uma concepção romanesca tradicional, uma vez que a arte é capaz de se rebelar tanto estrutural como tematicamente contra o poder, contra a violência e contra as ditaduras. Por assim dizer, podemos readaptar a seguinte assertiva de Anatol Rosenfeld:

Uma época com todos os valores em transição e por isso incoerentes, uma realidade que deixou de ser um “mundo explicado”, exigem adaptações estéticas capazes de incorporar o estado de fluxo e insegurança dentro da própria estrutura da obra. De qualquer modo desapareceu a certeza ingênua da posição divina do indivíduo, a certeza do homem de poder constituir, a partir de uma consciência que agora se lhe afigura epidérmica e superficial, um mundo que timbra em demonstrar-lhe, por uma verdadeira revolta das coisas, que não aceita ordens dessa consciência. (ROSENFELD, 2009, p. 86-87).

No romance, a revolta é um reflexo das próprias mudanças temporais que nossa sociedade passou e ainda passa, já que a ideia de mundo fixo ruiu e tudo o que restou é a instabilidade e fragmentação, irremediavelmente, são transpostas para dentro da arte e da literatura por meio desses rompimentos de tempo e espaço e manifestarão a própria representação que nós fazemos do mundo. Portanto, *Cinzas do Norte* reproduz, em sua própria estrutura, a referida ruptura a respeito dos padrões artísticos, sobretudo se pensarmos no romance tradicional do século XIX, cujos conflitos não eram representados, por exemplo, a partir da violência, do fluxo da consciência ou de um mundo fragmentado, em ruínas – tudo isto vinculado à estilística de Hatoum aponta para uma concepção particular de romance moderno. Assim, conforme aponta Moretti, acreditamos que

a teoria do romance deveria possuir maior profundidade morfológica, dissemos antes, mas “profundidade” é uma expressão imprecisa. O que temos aqui são extremos estilísticos que no curso de dois mil anos não apenas se afastam cada vez mais um do outro, mas se voltam um contra o outro (MORETTI, 2005, p. 203).

Não por acaso, o embate entre Jano e Mundo chegará ao ápice no meio da narrativa. Parece-nos que um não pode viver se o outro estiver vivo; os dois personagens parecem ser opostos de modo muito marcado e a violência, por sua vez, deflagrada entre eles, agora já de modo físico e explícito, pode ser demonstrada no fragmento a seguir:

A voz de Albino Palha se calou com o estalo de um golpe: o cinturão do pai atingira o pescoço de Mundo; a outra lambada açoitou seus ombros, e eu corri para segurar a mão de Jano. Alícia gritou por Naiá e Macau; um rosto feroz me assustou, e logo ouvi ganidos: vi meu amigo chutar o cachorro e depois ser imobilizado e arrastado da sala pelo chofer. A empregada e Alícia cercaram Jano, que, olhos fixos na parede, movia apenas a mandíbula, o corpo parecia anestesiado. (HATOUM, 2005, p. 121).

Neste trecho, temos esta imagem forte de uma violência desferida por Jano, o que nos confirma aquilo que imaginamos sobre o que ele seria capaz ao longo de toda a narrativa, e nos remete ao que Ginzburg dirá na seção: *ser culto não é o mesmo que ser ético em Crítica em Tempos de Violência* (2010), pois podemos pensar que, por mais que Jano tivesse essa revolta contra o filho, não imaginamos que ele seria capaz de desferir golpes físicos contra Mundo, ao menos não na presença de outras pessoas. Então, adaptando a nossa análise as observações de Ginzburg (2010, p. 113), destacamos que

Se a ficção nos leva a pensar que precisamos do letramento para expressar nossos direitos, poderíamos derivar daí a inferência de que fazer parte do mundo letrado facultaria maiores condições de convivência. Isso não é confirmado pelo processo histórico.

Dito isto, Jaime Ginzburg cita alguns exemplos desta disparidade interpretativa demonstrando que episódios como massacres, atentados, e etc. podem ser cometidos

por pessoas cultas e letradas, ou seja, a elite intelectual e/ou econômica e não somente por indivíduos com menos recursos, e no caso de atentados de islâmicos, como querem que pensemos. O pior é que tal assertiva parece ser ainda muito atual e presente em nosso contexto contemporâneo.

Depois deste ato desesperado de Jano, Mundo decide ir para um internato numa instituição militar de ensino. E é neste momento que sua saúde começa a piorar. Ele finge estar seguindo à risca a disciplina, mas na verdade está arquitetando sua obra mais importante, que será o *Campo de cruces*, como ele chama, onde foram pregadas cruces em um loteamento de redistribuição de moradia para a população ribeirinha de baixa renda, a qual foi expulsa de suas casas para a construção da Zona Franca de Manaus. A obra vira manchete nos jornais de Manaus com o título: “Filho de magnata inaugura ‘obra de arte’ macabra”. Assim, em *Cinzas do Norte*, são destacadas com veemência as contradições da modernidade. Não sem motivo, segundo Domingues,

historicamente, o fato de que a industrialização e a liberdade de oferecer-se no mercado de trabalho testemunharam um aumento da pobreza veio, todavia, complicar a singela equação burguesa original entre liberdade de trabalho e resolução da questão da pobreza (DOMINGUES, 2015, p. 19).

Se, para Baudelaire (1988, p. 174), “a Modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável”, em *Cinzas do Norte*, a transitoriedade da vida e do mundo também está problematizada na construção da Zona Franca de Manaus: símbolo da Modernidade e, ao mesmo tempo, da pobreza e da decadência. Nesse sentido, a arte, para Hatoum, passa a ser, por excelência, crítica e plurissignificativa, já que concomitantemente resistemiza tradição literária, função artística fundidos no questionamento contra contexto histórico, político, econômico e cultural.

Depois deste episódio, a obra se encaminhará para seu desfecho final que será a morte de Jano e a saída de Alcília e Mundo de Manaus e acompanhamos sob o prisma da decadência moderna a trajetória dos remanescentes desta família – outrora tão importante, com relatos de cartas que revelam a verdade sobre assuntos complexos e dramáticos como a paternidade de Mundo e sua morte. Portanto, violência, modernidade e, em outro patamar, estrutura romanesca aparecem

arquitetadas de modo peculiar na poética de Milton Hatoum, explicada a partir de nossa leitura de *Cinzas do Norte*. Não por acaso,

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. (BERMAN, 1994, p. 24).

A modernidade, neste sentido, pode ser lida como algo que pode significar melhora, seja econômica ou para a vida de alguns, mas ao mesmo tempo pode ser lida e trazer atrelada a si um ideal de destruição. Pensemos na destruição da floresta amazônica que ocorre em larga escala, sempre defendida em nome do progresso, tanto nacional como internacional.

A violência, também nesse sentido, faz parte da estrutura da narrativa de Hatoum, pois o “progresso”, por si só, já pode trazer atrelado a si, muito do que consideraríamos como atos violentos. Além disto, o momento histórico em que a obra é construída, que é um contexto de ditadura militar, nos traz leituras de como podemos perceber os impactos deste regime num espaço não centralizado, na região Norte do Brasil, já que maioria dos relatos sobre esse período são traçados de uma espacialidade que compreende o Sudeste e Sul do país.

Do mesmo modo, acreditados que o autoritarismo, no caso de Jano e Mundo, pode ser visto como uma metáfora sobre a relação entre o povo e os militares daquela época. De forma que, ao nos depararmos com esta relação peculiar entre pai e filho, pensamos nas formas em que a resistência e a repressão do período militar configuravam um embate perigoso entre os que queriam a liberdade e os que queriam o poder.

Conclusão

Por meio das constatações expostas no decorrer deste trabalho, concluímos que os reflexos de violência na obra de Hatoum aqui analisada podem ser percebidos de maneiras distintas, seja de modo mais explícito, seja de modo mais simbólico, ou ainda, na própria estrutura em que a obra foi construída. E, conquanto certas

características deste livro possam ser diretamente relacionadas ao contexto histórico, no qual a obra é ambientada, nela, a representação da ditadura militar brasileira nos permite tecer as relações entre os elementos internos com os externos, porém priorizando, sobretudo, a correlação que destaca o “mundo da obra”. Nesse sentido, vimos que as análises relacionando literatura e violência são necessárias para que possamos compreender de modo mais abrangente o texto literário/artístico que é produzido não só na modernidade brasileira, mas também que está presente em toda a história artística nacional. Assim, ao contrário do que geralmente se pensa, o mundo da obra também é socialmente elaborado, isto é, o romance moderno de Hatoum parte de uma recriação do ambiente externo, a fim de acentuar uma crítica contra a violência e as contradições daquilo que conhecemos por “modernidade”.

Enfim, devemos apontar a necessidade de se estudar autores nacionais como Milton Hatoum, em especial da região amazônica. Assim sendo, além de tudo o que foi pontuado anteriormente, este trabalho é importante, porque, traçando a sugerida análise da obra de Hatoum, aponta concomitantemente para a relevância deste autor tão importante para a literatura nacional e universal. Em outros termos, além de *Cinzas do Norte* representar com contundência a analogia entre modernidade, violência e arte moderna, contribui para compreensão da história da ditadura militar e os resquícios que ela deixou na contemporaneidade, por vezes afetando ainda o curso de nossas vivências. Esses abalos e distorções, sem dúvida, também atingem, no século XX, a estrutura do romance.

Referências

- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- BAUDELAIRE, Charles. “O pintor da vida moderna”. In: _____. *Textos inéditos selecionados por Teixeira Coelho. A modernidade de Baudelaire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 165-196.

- _____. "O narrador: considerações sobre a obra e Nikolai Leskov". In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. S.P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.
- _____. "Sobre o conceito de história". In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. S.P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-32.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. "De Cortiço a Cortiço". In: _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro Sobre Azul, 2004, pp. 105-142.
- CHIAVENATO, Júlio. J. *O golpe de 64 e a ditadura militar*. 2. ed. reform. São Paulo: Moderna, 2010. (Coleção Polêmica).
- GINZBURG, Jaime. Roteiro para o estudo das relações entre literatura e violência no Brasil. Disponível em: <http://fflch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/2017-11/Literatura%20e%20violen%C7%82ncia.pdf> Acesso em: 20 de Abril de 2016.
- HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ROSENFELD, Anatol. "Reflexões sobre o romance moderno". In: _____. *Texto / contexto I*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.